

José Luís Neto tem vindo a construir uma obra absolutamente singular, e que de certa forma desmente o que sempre nos habituámos a pensar como fotografia e como atividade própria do fotógrafo. Ele não trabalha com uma máquina eleita (muda de aparelhos e chega a alterá-los consoante a especificidade dos projetos), nunca quis encontrar o seu formato de fotografia – as suas imagens vão do infinitamente pequeno à fotografia de grande dimensão –, sempre se afastou de imperativos temáticos. E, no entanto, é muito fácil identificar a sua obra – ainda que defini-la seja muito complicado. As suas fotografias nunca se resumem a um corte na realidade (José Luís expulsa frequentemente qualquer figura do “mundo real”), e ao isolamento do momento que um qualquer “olhar de fotógrafo” decida privilegiar – até porque elas colocam justamente em causa esta ideia, do “olhar do fotógrafo”: muitas resultam de experiências que prescindem dos seus olhos, como variações nas aberturas do diafragma, ou a exposição de um orifício a intensidades luminosas diversas.

Uma das singularidades da obra de José Luís Neto radica exatamente nestas experiências, que obedecem no fundo ao estabelecimento de um programa. Um exemplo: ao modificar a própria máquina fotográfica, fazendo-a disparar de determinada forma, ele obriga-nos a repensar a atividade do fotógrafo, que de repente se desvia do ato de olhar, selecionar e disparar através de uma objetiva [...]

O fotógrafo partiu de um núcleo fotográfico do Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico, conhecido como *Fundo Antigo*, que inclui um vasto conjunto de fotografias [...] São, na sua maioria, vistas de bairros históricos de Lisboa, registadas entre finais do século XIX e inícios do XX (entre 1898 e 1908), todas com enquadramentos muito parecidos. Constituem, no seu conjunto, um inventário exaustivo e rigoroso, quase científico, de certa forma. Ao fotógrafo, com toda a certeza o mesmo, não interessava o pitoresco, ou o registo das atividades desenroladas na rua, embora a presença de pessoas seja uma quase constante nas imagens e, embora inconscientemente, o fotógrafo deva ter fixado o único registo fotográfico daquela gente – a viver em freguesias populares, num tempo em que a fotografia não estava democratizada, e de que seguramente não existem retratos.

Não há, é claro, um único enquadramento que tenha sido decidido pelo posicionamento de personagens nas ruas, pelo que as pessoas surgem muitas vezes desfocadas, de contornos diluídos (só o parado ficaria nítido), muito afastadas e no limite do desaparecimento – umas manchas, apenas. São justamente estas manchas, constituídas por pessoas muitas vezes alheias ao trabalho do fotógrafo e captadas sem a intenção do fotógrafo, que José Luís Neto decidiu isolar [...] – aquelas manchas, isoladas e ampliadas, vêm atribuir farrapos de narrativa às limpas imagens originais, retirando-lhes, através de uma estética do detalhe, o aparentemente exclusivo carácter documental.

Ricardo Nicolau

(texto apresentado no âmbito da LisboaPhoto 2005, adaptado e revisto segundo o acordo ortográfico)

José Luís Neto

Estudou Fotografia no Ar.Co e no Royal College of Art (Londres), com uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian.

Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro desde o início da década de 90, participando também em bienais, feiras de arte e encontros de fotografia. O seu trabalho foi apresentado no Museu de Serralves, Museu Coleção Berardo, Culturgest, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Museu Nacional de Arte Antiga, Fundação Calouste Gulbenkian, Hayward Gallery (Londres), Foto Colectania (Barcelona), Musée de l'Elysée (Lausanne), Círculo de Bellas Artes (Madrid), Oca do Ibirapuera (São Paulo) e Museu Folkwang (Essen), entre outros. A sua obra está publicada em vários livros e catálogos e representado em várias coleções, públicas e privadas, como as do Ar.Co, Centro Português

de Fotografia, Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico, Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian, Coleção Berardo - Arte Moderna e Contemporânea, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Coleção de Fotografia Contemporânea do Novo Banco, Fundació Foto Colectania (Barcelona) e Museu Folkwang (Essen). Tem recebido vários prémios, entre os quais o Prémio Bes Photo 2005 e o Prémio Especial do Júri - 47ème Salon d'Art Contemporain de Montrouge (2002).

A investigação das características específicas da linguagem fotográfica, a exploração das potencialidades do aparelho fotográfico, as imagens minúsculas, a folha branca de papel fotográfico, e a apropriação de imagens constituíram, desde sempre, a matriz do seu trabalho.

José Luís Neto has been building up an absolutely singular oeuvre that contradicts, to a certain extent, what we have always been used to thinking of as photography and as the activity of the photographer. He does not work with one particular camera, changing cameras and even altering them according to the specific nature of each project, he has never wanted to find *his own* photograph format – his images range from infinitely small to very large photographs –, and he has always kept away from thematic imperatives. Nevertheless, it is very easy to identify his work – even though it is more complicated to define it. His photographs are never simply a slice of reality (José Luis often expels any figure from the “real world”), or the isolation of a moment that some “photographer’s eye” has decided to favour – precisely because they challenge this idea of the “photographer’s eye”. Instead, many result from experiments that do not need his eyes, such as variations in the aperture or the exposure to various different intensities of light.

One of the singular features of José Luís Neto’s work is to be found precisely in these experiments, which essentially correspond to setting up a programme. For example, by modifying the actual camera, making it take photographs in a particular way, he makes us rethink the work of the photographer, which is suddenly diverted from the act of looking, selecting and taking shots through a lens [...]

The photographer used a set of photographs from the Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico, known as the *Fundo Antigo*, which includes countless photographs [...] Most of these are views of the historic neighbourhoods of Lisbon were taken in the late nineteenth and early twentieth century (between 1898 and 1908), and all of them have a very similar composition. Together, they form an exhaustive, rigorous and – to some extent – almost scientific inventory. The photographer, most probably the same person, was not interested in the picturesque or in recording activities taking place in the street, although the presence of people is almost a constant in the images. Even if unconsciously, the photographer must have taken the only photographic records of those people living in popular neighbourhoods at a time when photography was not yet democratised and who undoubtedly never had their portraits taken.

It is clear that there is not a single composition that has been decided by the positions of the people in the streets, and the people are often therefore out of focus, with fuzzy outlines (only those who are still are clear), very distant and about to disappear – just blurs. It is precisely these blurs, these people who frequently had nothing to do with the work of the photographer and were unintentionally captured in the image, that José Luís Neto decided to isolate [...] – those blurs, isolated and enlarged, bring scraps of narrative to the sharp original images, depriving them – through an aesthetic of detail – of their apparently exclusive documentary nature.

Ricardo Nicolau

José Luís Neto

José Luís Neto studied Photography at Ar.Co (Lisbon, Portugal) and at the Royal College of Art (London, UK) with a Calouste Gulbenkian Foundation scholarship.

Exhibiting regularly since the beginning of the 90s in Portugal and abroad, he also participated in biennials, art fairs and photography conventions. His work was presented at Serralves Museum (Porto, Portugal), Berardo Collection Museum (Lisbon, Portugal), Culturgest (Lisbon, Portugal), National Museum of Contemporary Art of Chiado (Lisbon, Portugal), MNAA-Museu Nacional de Arte Antiga (Lisbon, Portugal), Calouste Gulbenkian Foundation (Lisbon, Portugal), Hayward Gallery (London, UK), Foto Colectania (Barcelona, Spain), Musée de l’Elysée (Lausanne, Switzerland), Círculo de Bellas Artes (Madrid, Spain), Oca do Ibirapuera (São Paulo, Brazil), and Folkwang Museum (Essen, Germany), among others. His work is published in several books and catalogues and

is represented in several collections such as Ar.Co (Lisbon, Portugal), Portuguese Center of Photography (Porto, Portugal), Lisbon Municipal Photographic Archive (Lisbon, Portugal), Modern Collection of Calouste Gulbenkian Museum (Lisbon, Portugal), Berardo Collection - Modern and Contemporary Art (Lisbon, Portugal), Luso-American Development Foundation (Lisbon, Portugal), Novo Banco Collection of Contemporary Photography (Lisbon, Portugal), Fundació Foto Colectania (Barcelona, Spain) and Museu Folkwang (Essen, Germany). José Luís Neto was the recipient of several prizes, including the BesPhoto award for 2005 and the Special Jury Prize of the 47th Salon d’Art Contemporain de Montrouge (2002).

The core of his work has always been the study of the specific characteristics of the photographic language, the exploitation of the potential of the camera, the small images, the white photographic paper, and the appropriation of the images.

